

VIVA A ESPANHA!

O SALVAMENTO DO «NUMANCIA II» (COMPOSIÇÃO GRÁFICA EXCLUSIVA DE «O NOTÍCIAS ILUSTRADO»)



NOTÍCIAS
ilustrado
EDIÇÃO SEMANAL DO
DIÁRIO DE NOTÍCIAS

ANO II—SÉRIE II—N.º 56

O NOTICIAS ILUSTRADO

LISBOA, 7 DE JULHO DE 1919

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO «DIARIO DE NOTICIAS». SÊDE: RUA DIARIO DE NOTICIAS, 78
 LISBOA—TELEFONE: T. 821—TELEGRAMAS:—NOTICIAS LISBOA—OFICINAS GRAFICAS:
 OCOGRAVURA, LIMITADA. RUA D. PEDRO V 18 —TELEFONE: 631 N.—LISBOA

PREÇOS DE
 ASSIGNATURA

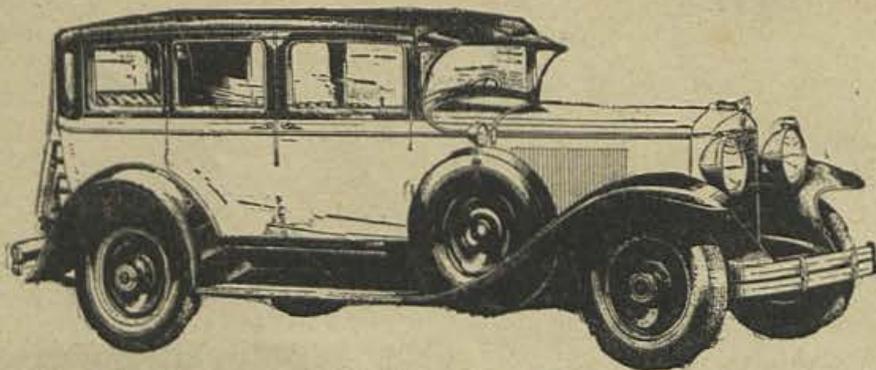
6 MESES		12 MESES	
Portugal Continental e Insular...	55800	Portugal Continental e Insular...	10800
Ultramar...	75000	Ultramar...	78800
Espanha...	58800	Espanha...	78800
Brasil...	45400	Brasil...	88800
Outros países...	50800	Outros países...	100800

Portugal Continental e Insular...	10800
Ultramar...	78800
Espanha...	78800
Brasil...	88800
Outros países...	100800

24 PAGINAS

NUMERO AVULSO 1\$50

DIRECTOR: LEITÃO DE BARROS. EDITOR: ANTONIO DAS NEVES CARNEIRO. DIRECTOR GERENTE: CAROLINA HOMEM CHRISTO



Adeante do Tempo



CONVIDAMOS cordealmente todo o publico e os automobilistas em particular a examinar a inteira serie dos automoveis Graham-Paige de seis e de oito cilindros —com novos e numerosos aperfeiçoamentos e a maravilhosa mudança de quatro velocidades (duas altas velocidades—mudança *standard*) de comprovada vantagem. Estes novos carros representam o nosso ingente esforço em conserva-los adeante do tempo, oferecendo um produto cada vez melhor.

A Graham-Paige oferece uma grande variedade de tipos de carros-series, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo em cinco chassis, de seis e de oito cilindros—a preços diversos. Todos são equipados com o cambio de quatro velocidades excepto o Modelo 612.

Conduites interiores desde Esc. 38.500\$00

Representante geral para Portugal:

J. COELHO PACHECO

21, Avenida da Liberdade—Lisboa

Salão de Exposição e «Serviço» - 90, R Braamcamp, 94 - Tel. (P.B.X.) N. 2595

Agentes no Porto:

MANUEL DA SILVA CARMO & CT. LT.—129, R. de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

Musicas e Pianos

Gramofones - Discos - Instrumentos diversos
 SOARES & VIANA, LTD.

48 — RUA DO LORETO — 50 — LISBOA TELEFONE T. 699

PREFERINDO A CASA AFRICANA

V. Ex.ª pode adquirir um artigo util, moderno e barato

PORQUE

1.º—A CASA AFRICANA MANTEM AGENTES COMPRADORES EM PARIS, LION, LONDRES, ETC., ONDE ADQUIREM TUDO O QUE DE NOVO APARECE NAQUELES GRANDES CENTROS DA MODA.

2.º—REALIZA TODAS AS SUAS COMPRAS EM GRANDE ESCALA E DIRECTAMENTE ÀS FABRICAS APROVEITANDO OS MAXIMOS DESCONTOS O QUE LHE PERMITE FAZER PREÇOS ESPECIAIS.

3.º—CONTINUA SEGUINDO A ORIENTAÇÃO QUE EM 1872, HA 5 ANOS, PRESIDIU À SUA FUNDAÇÃO E QUE É GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO.

«Os Sports»

BI-SEMANARIO

EDIÇÃO DO

«DIARIO DE NOTICIAS»

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DESPORTIVOS PORTUGUESES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. DO DIARIO DE NOTICIAS, 78

TEL. T. 821

O "NOTÍCIAS" ILUSTRADO

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"



Balada do meu Cavalo Branco

Por FRANCISCO DA SILVA PASSOS

PONHO O PÉ NO ESTRIBO, MÃO Á REDEA SOLTA,
SALTO SOBRE A SÉLA, ESPOREIO-LHE O FLANCO,
CABELEIRA AOS VENTOS, ONDAS EM REVOLTA,
PARTO, GALOPANDO, EM MEU CAVALO BRANCO.

HIANTES AS NARINAS, RESFOLEGANDO FUNDO,
CORRE, O MEU CAVALO,—COMO O PROPRIO VENTO...
QUEM ME DERA A MIM CORRER POR ESTE MUNDO,
SEM PRENDER-ME Á TERRA UM UNICO MOMENTO!

JÁ NÃO HA PALACIOS, CAZARIA POBRE...
TUDO SE EGUALOU NA DOIDA CORRERIA.
A VERTIGEM DÁ-ME A LINHA QUE ME ENCOBRE
OS DETALHES FUTEIS—QUE A CIDADE CRIA.

SUBO Á SERRA: E OS MESMOS TONS TÃO VARIADOS
DA FLORESTA IMENSA, POR ONDE ATRAVESSO,
SÃO APENAS LINHAS VERDES DOS DOIS LADOS,
NA VELOZ CARREIRA EM QUE ESTA VIDA ESQUEÇO...

ABRE BEM AS VENTAS, RESFOLEGANDO FUNDO,
VOA, ROCINANTE! COMO O PROPRIO VENTO...
LEVA-ME A CORRER, ASSIM, POR ESTE MUNDO
SEM PRENDER-ME Á TERRA UM UNICO MOMENTO!

E SEM VER DA VIDA O SEU RELEVO TRISTE,
SEMPRE A GALOPAR, EM DERRADEIRO ARRANCO,
PARA QUE EU OLVIDE TODO O MAL QUE EXISTE,
—LANÇA-TE NO ESPAÇO, MEU CAVALO BRANCO!...

DAKAR 1926

FRANCISCO DA SILVA-PASSOS

LISBOA 1928

Muito em Breve: O CARMO
E A
TRINDADE

PUBLICAREMOS
O SENSACIONAL
FOLHETIM
LISBOETA

Por FELICIANO SÍMTOS

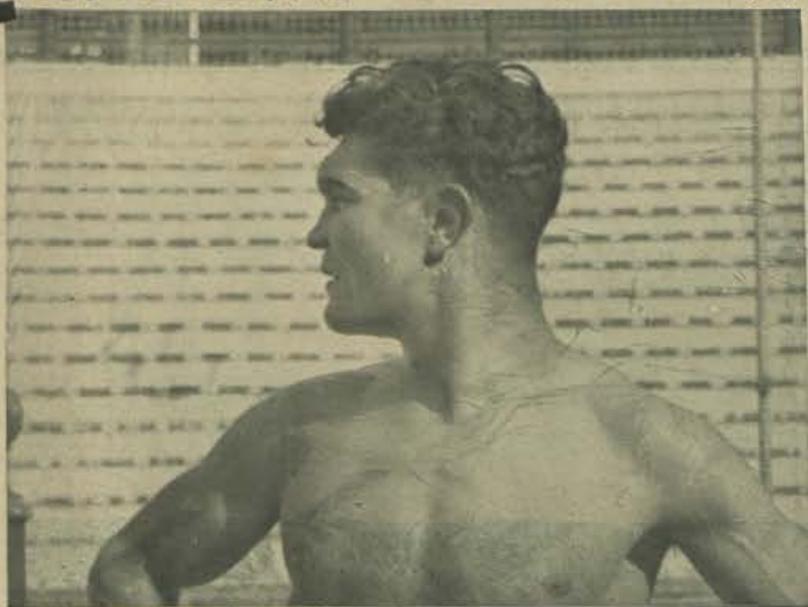
INÉDITAS
SCÉNAS
DA VIDA
LISBOETA

Muito em Breve

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

AS GRANDES PROVAS DESPORTIVAS

CHEGARÁ UM DIA SANTA A CAMPEÃO DA EUROPA?



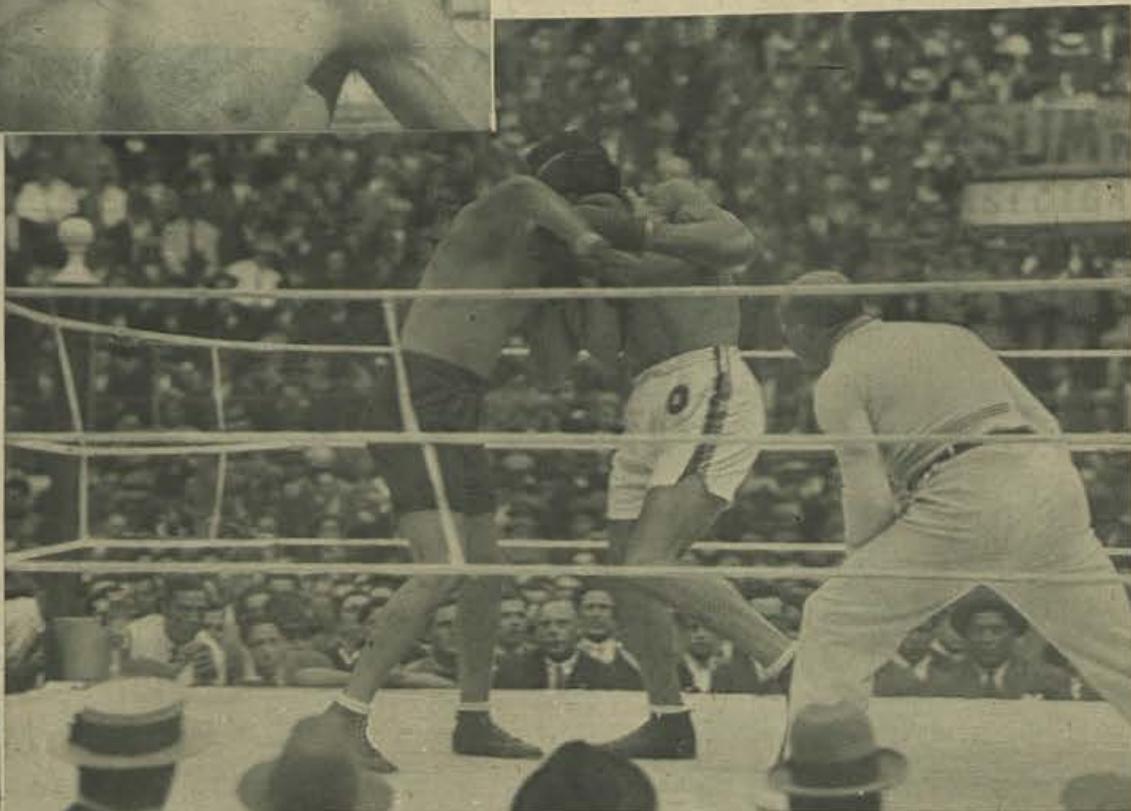
DIVERSAS FASES DO COMBATE SANTA-PIERRE CHARLES FOCADAS POR FERREIRA DA CUNHA.

ONDE SE PROVA QUE AS NOSSAS PREVISÕES SOBRE O RESULTADO DESTES COMBATE, SE CONFIRMARAM.

O combate Santa-Pierre Charles teve o desfecho que nós prevíamos aqui. É claro que estamos satisfeitos por ter sido o nosso prognostico o unico que entre tantos vindos a publico, acertou. Dissémos, aqui, que o combate deveria atingir o limite dos 15 rounds e que dos dois adversarios o que vencesse ganharia a batalha por pouca diferença.

Foi o que sucedeu, todavia com a nitidez precisa para que não houvesse a mais pequena duvida sobre a rectidão da previsão dada.

Pierre Charles ganhou bem o combate, conduzindo bem a luta como quiz, impondo constantemente o jogo que mais lhe convinha e menos convinha ao adversario, utilizando uma larga escala de recursos e conhecimentos, evidenciados na oportunidade das esquivas e das entradas, no esplendido uso do «corps-à-corps» etc. E é tão grande e perfeita a sua noção da distancia que os socos de Santa que o atingiram não pude-



ram deixar-lhe vestígios, Charles combateu inteligentemente, como lhe convinha diante dum homem mais pesado, mais corpulento, duma resistencia admirável e dum soco perigoso. E teve ainda, quanto a nós, outro merecimento: o de provar que o «box» é na verdade uma bela e linda esquivas e é mais interessante quando a arte clara e nitida substitui a brutalidade impetuosa. Não possui um soco excessivamente poderoso mas possui uma sciencia extraordinaria do seu metier.

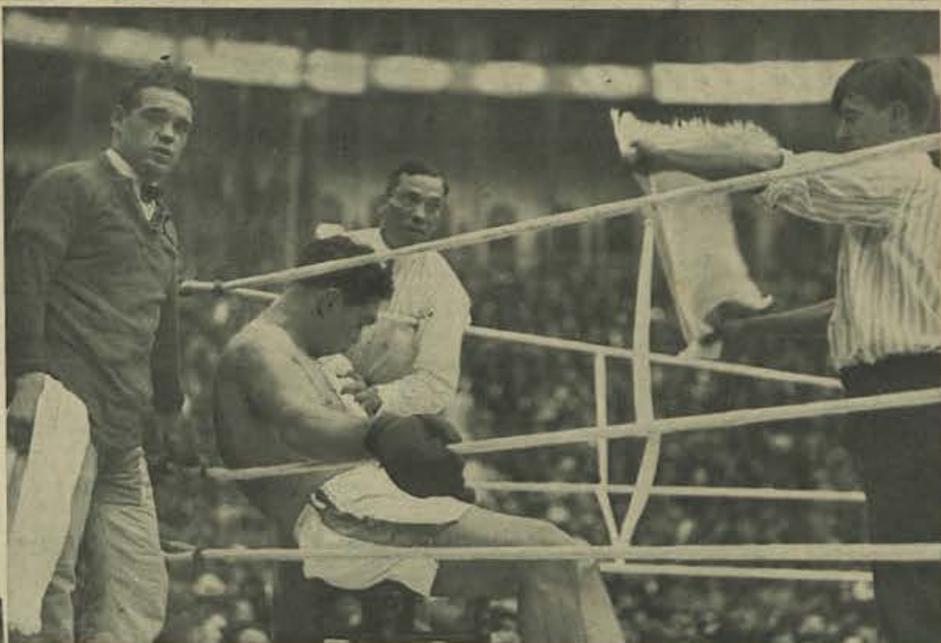
José Santa fez quanto ponde, em relação à tecnica, e foi admiravel quanto a resistencia e espirito combativo. Poderia ter feito muito mais se o seu manager, procurador ou o que é, sabendo que o seu representado tinha de vir a disputar este combate, lhe tivesse proporcionado os meios de se instruir e treinar devidamente. E' para isso que os managers servem; não é só para procurarem, mais ou menos ardilosa-



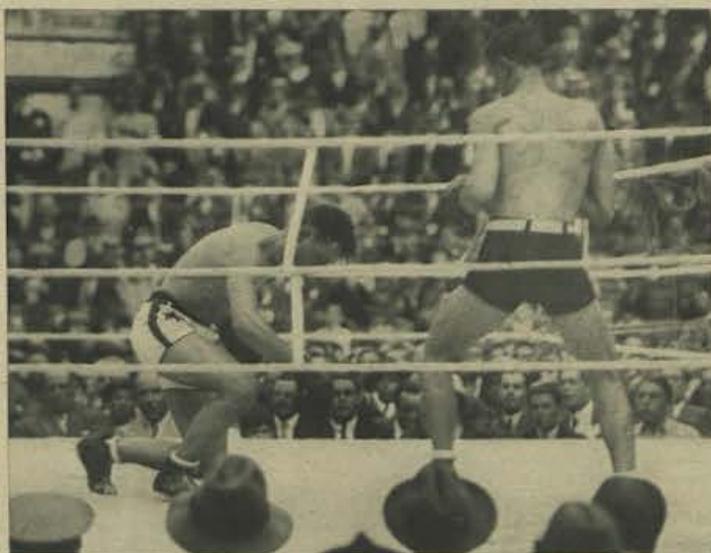
mente, os negócios que muito pessoalmente lhes convenham.

José Santa fez os seus treinos no sentido da dureza, do folego e da resistencia. Não houve junto dele um homem de classe e conhecimento que lhe aproveitasse as facultades e condições naturaes que possui, e que depois, no seu cauto de combate, o guiasse e o dirigisse. E daí resultou que o português, apesar de corajoso e combativo, fez sempre a mesma coisa, esteve mais lento que no seu ultimo combate com Barrick, nunca soube nem ponde impor a Pierre Charles o jogo a distancia que lhe convinha e, ao contrario, admitiu-lhe, do 1.º ao 15.º round, o «corps-à-corps», num continuo massacre do estomago e fiancos, que felizmente não atingiu o seu fim de destruição, porque Santa é um colosso de resistencia fisica, mas serviu ao belga para acumular pontos e para evitar os ataques largos do português.

José Julio dos Santos Segurado, que proporcionou aos portugueses esta memoravel sessão de «box», tem direito à gratidão de todos nós. O



Em cima:—Outro detalhe do combate José Santa-Pierre Charles.—A esquerda e em baixo:—Duas fases do belo combate Max Fredo-Albano Campos em que o primeiro retomou o seu titulo de campeão de Portugal de meio-médio.—(«Fotos» Ferreira da Cunha).



seu esforço foi dum arrojo excessivo, a ter-se em conta a educação desportiva do meio. Se outra compensação não tiver, tem essa compensação espirital.

Sobre os outros combates de domingo ultimo não faremos comentarios que não são precisos, pois o facto culminante era o encontro Santa-Charles. De resto, os resultados são conhecidos.

MARIO SANT'ANA

MOTOCICLISMO

O I RALLYE DE LEIRIA

(PERCURSO 1238,400 km.)

Mouton Osorio, em moto «Matchless» venceu o I Rallye de Leiria com o seguinte percurso: Lisboa, Setubal, Alcaçovas, Evora, Extremoz, Elvas, Portalegre, Castelo Branco, Covilhã, Guarda, Vizeu, Lamego, Guimarães, Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Leiria (chegada) Caldas, Lisboa.

(Foto da Agencia Fotografica)



o homem que perdeu o seu tempo



Novela por FELICIANO SANTOS

ILUSTRAÇÕES DE EMMERICO NUNES

(CONCLUSÃO)

— ENTÃO isso vai mais rijo?—disse uma voz alegre, a meu lado.

—Mestre Abraão!—exclamei, surpreso, encarando o homem que me falara e cujos olhos se sorriam afoveis, entre a espessura feroz da barba negra e revolta.

Vestia um gabão escuro e trazia ao pescoço um «cache-cola» de lã azul, cujas pontas, caídas sobre o peito, tinham como enfeite grandes estrelas vermelhas.

—Mas como sabe este maroto o meu nome, se há quinze dias que ele delira debaixo de uma febre violenta, sem dar acôrdo de si?—extranhou o risonho homem.

Eu ia a responder, quando ele me intimou:

—Silêncio! Ele aí vem!

Quem seria este «ele»? Outra vez o castelão barbudo, seguido do villico? Ah, não! Não podia ser! Eu deixara-o bem morto, na sua cripta funeraria, com a adaga cravada no peito. Todavia, foi com impaciencia e terror que aguardei que o reposteiro se franzisse e aparecesse a pessoa, cujos passos se aproximavam.

—Que? Pois és tu?—gritei, vendo entrar o meu amigo Carlos de Lessa, risonho e fresco, como se nunca tivesse estado ás portas da morte.

—Sou eu, não duvides! Não morri, como vês. Uma estúpida indigestão de lampreia... Alarme-me, julguei que morria... Mas tu estás melhor, hein?! Que susto me pregaste! Ver-te entre a vida e a morte, por minha causa...

—Foi asneira, meter-se à serra de noite!—comentou Mestre Abraão.

—Mas ouve lá! Explica-te ou endoideço... Como me encontro eu aqui, em tua casa, tendo estado em risco de morte e como é que tu, que eras moribundo, te apresentas com esse arzinho de saúde e prosperidade?

Carlos explicou-me, então, como fora que um creado seu, tendo ido acompanhar o medico à vila proxima, me encontrara no fundo duma ribanceira da serra, sem sentidos. Perto de mim, tranquillo e coxeando, pastava um cavallo. O creado trouxera-me para o solar, Carlos reconhecera em mim o seu velho amigo e ainda mal refeito da indigestão velara as minhas noites agitadas de delirio.

—Que não fui só eu a velar!—acentuou Carlos, com risonha malicia.—Tiveste tambem uma dedicada enfermeira.

—Mas quem?—

—Minha cunhada.

—Tu casaste?

—Casei, há dois mezes. Foi uma cerimonia muita intima, não fiz convites. Sabes, aquela antiga aventura... O divorcio começou e o casamento acabou de resolver o caso. A pequerruchina é hoje minha filha perante Deus e os homens.

—Convem não fatigar o doente!—disse Mestre Abraão.—Eu vou dar uma saltada à farmacia.

—Porque chamam a este homem Mestre Abraão?—perguntei, quando ele saiu.

—Porque foi barbeiro e curandeiro nos seus tempos e principalmente porque se chama Abraão. Meu pai achou-lhe geito para o officio, pagou-lhe o curso, e fê-lo farmaceutico. Foi sempre ele quem te fez os pensos e olha que a tua factura é bem grave...

—Pode se entrar?—disse da porta uma voz fresca e moça.

—Dás licença?—perguntou Carlos. E como eu consentisse; acrescentou:—Entrem!

Meu Deus! Era Mecia e a sua aia, a velhinha vestida de roxo. A coifa de fios de prata eram

os seus proprios cabelos brancos. Carlos apresentou-me as senhoras:

—Minha cunhada... Minha sogra...

—Eu já as conhecia!—afirmei.

A nós?—extranhou Mecia.—Donde?

—Da Idade Media... Dum certo castelo feudal...

Carlos debruçou-se sobre mim, inquieto:

—Hein, o que dizes? E' o delirio que volta...

Socega, não te fatigues...

—Não, não é o delirio. Eu depois te contarei... E os outros, o besteiro, o pagem, frei Remigio...

—Repousa um pouco... Não fales...

—Não sinto-me bem. Depois saberás. Mas diz-me: quem entrava neste quarto?

—O medico, o Doutor Sousa. Tu não vezes: é um de barbas... Veio cá só duas vezes, porque mora longe...

—O castelão...—disse eu.—Continuando...

—Vinha tambem o meu «groom», o Joaquim...

—O pagem... E quem mais?

Tu assustas-me, palavra!

—Vai dizendo, vai dizendo...



—Pode ser... O que foi que sonhou? perguntou Mecia.

—O padre Antunes vinha à tardinha, todos os dias, saber noticias.

—Frei Remigio...

ALBANY

Oleos de uma das mais antigas e acreditadas fabricas americanas

ADAM COOK'S SONS INC.

OLEOS E SEUS DERIVADOS PARA AUTO-MOVEIS—MOTORES E MAQUINAS

Agentes exclusivos para Portugal e Colónias:

A. R. GARCIA, L.DA

Engenheiros

113, Avenida Duque de Loulé, 115

Teleg. -- ARCIA -- Lisboa -- Telef. N. 5177

—Não vinha mais ninguém, além de nós três que aqui estamos.

—Então o villico? Então o besteiro, que fumava entre as ameias? Sim, porque tu não eras o villico nem o besteiro, tenho a certeza!

O meu amigo Carlos de Lessa acabou por crer que o delirio me dominava novamente. Obrigou-me a deitar, compoz-me a roupa, ajudado pelas duas senhoras e foi concordando comigo, como quem satisfaz o capricho duma criança:

—Sim, eu não era o villico... Está bem! Não era tambem o besteiro... Não te exaltes...

Depois, como me visse mais tranquillo e sorrindo, saiu com a sogra, deixando a cunhada a velar-me. Quando ficamos sós, vi que os olhos dela, de um limpidio azul, se fixavam tristemente nos meus olhos.

—Não me olhe assim, não esteja triste, que eu já não tenho febre, nem delirio, Mecia!—disse eu muito baixinho.—

—Pois sabe o meu nome?

—Se sei! Nunca me ouviu pronunciar-lo durante o delirio?

—Quantas vezes! Mas julguei que era o de outra Mecia, que lhe enchia o coração e o pensamento.

—Nunca conheci outra, senão a que vi no pe-zadelo da febre e essa Mecia era, como a senhora, loura, branca e linda... E eu amei essa Mecia, castelã fendal que um dia encontrei...

Contei então a Mecia todo o drama vivido na tortura da febre. Ela escutava-me, enlevada e sorrindo.

—E' curioso!—disse ela, quando eu terminei a narrativa.— Há inumeros pontos de contacto entre o seu delirio e a realidade. Assim, há dois dias esteve aqui de passagem, por motivo de exercicios militares uma companhia de telegrafistas de campanha. O comandante esteve cá em casa. Era o capitão, creio que chamado Valerio, um antigo condiscipulo do Carlos...

—E meu!

—Mas há mais ainda... O estrondo que o senhor ouviu em sonhos deve ter sido o dum trovão formidavel que veio com a chuva de pedra que hontem caiu sobre a vila...

—Curiosas, sem duvida, essas coincidências.—disse eu.—Mas tenho do meu delirio uma recordação muito grata, que gostava bem que tivesse igualmente coincido com a realidade...

—Pode ser... O que foi que sonhou?—perguntou Mecia.

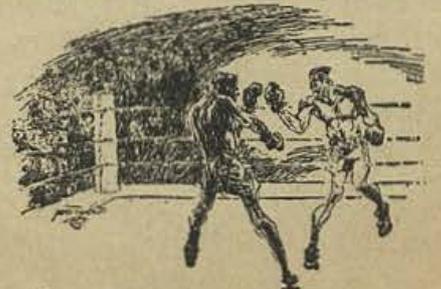
—Sonhei que os meus labios e os de Mecia tinham aflorado num beijo casto e sentido, como nunca outro igual dei ou recebi da boca duma mulher...

Mecia não respondeu e só as suas palpebras, brancas como pétalas de camelia, espalharam sobre o rubor da face a sombra suave das longas pestanas, como um véu pudico.

Não falámos mais do delirio da febre. Eu, contente por ter recuperado o meu seculo, acabei por adormecer, a minha esquecida entre as brancas mãos de Mecia, na felicidade que me comunicava a certeza de que tudo quanto o pe-zadelo terrivel para mim tivera de agradável—o amor duma mulher—correspondia na vida a uma doce e eterna realidade.

FELICIANO SANTOS

FIM



O CHALLENGER:—Então essa surpresa?
O CAMPEÃO:—A surpresa dará logo o jury.

SOMBRA DO PASSADO

Por JOSÉ SARMENTO

UMA destas noites, no S. Luís, enquanto na tela do «écran» passava o frémito de uma tragedia vulgar que fazia deliquescer certas damas, fui sentar-me no jardim de inverno. Errava no ar uma tristeza funda,



e uma suave melancolia descia, aflagando a alma. Era uma hora de recolhimento sombrio.

Puz-me a pensar no Visconde. Via-o bamboando de um para outro lado o ventre enorme, a cara inundada de riso, o olhar malicioso, a boca espessa cheia de bonomia. No fundo de um passado em que havia alegria e luz, estonteamentos e sonoridades, passava toda a obra fecunda do empresário, a hora de

felidade e de febre—os dois Coquelin, Zacconi e Novelli, a Bartot, a Mimi Aguglia, a Réjane e a Duse—um mundo inteiro de sensações e extases.

As minhas recordações de jornalista galopavam, numa cavalgada doida através do tempo e do espaço, como uma poeira de prata que me envolvia de claridades. Lembrei-me de uma viagem que fiz a Santarem, ao encontro de Coquelin, convidado pelo Visconde.

Tinhamos duas horas adiante de nós. Subimos à cidade e almoçamos alegremente no Duarte. O Visconde espanejava-se. O plebeu, saído do nada, tinha o orgulho de fazer irradiar em volta de nós o seu esplendor luminoso de empresário-artista. Mas esse sonho de arte re-



presentava horas de ansiada febre e ardidas vigílias? Não. Era apenas uma necessidade de réclame e aura que ia reflectir-se no seu teatro—a religião pagã de toda a sua vida, sua gloria e seu martirio.

Bailava diante de mim aquela comovida homenagem de Dumas a um musico celebre: «Nenhum de nós, descendo às suas mais remotas recordações, deixará de se sentir embalado nas suas melodias tão cheias de melancolia...»

Nenhum de nós, também, deixará de sentir, entrando nesta sala de cinema, a sombra do Visconde adendo, poisando ao nosso lado, acompanhando-nos por toda a parte, segredando aos nossos ouvidos os seus projectos, as suas esperanças, os seus sonhos...

Olhei em volta de mim no silencio religioso. Nenhum passo arrastavam. Porteiros sonolentos encostavam-se às vidraças. Apenas, no ar, sussurrando, o eco longinquo de uma voz. Estremeci. Era a voz do Visconde que casquinava: «Bons tempos! Outros tempos! Vocês lembram-se! O teatro cheio, a vibração das almas, os aplausos atroadores. Tudo isso fui eu! Fui eu! Eu só!... Nescios. Como se dependesse deles sepultar as sombras que vivem...»

JOSÉ SARMENTO

MUSICA

OS CARRILHÕES DE MAFRA

OS carrilhões do convento de Mafra voltaram a fazer ouvir o seu som, veneravel pelos anos que contam e pelo espirito da epoca que incarnam com grandesa. A vasta mole de pedra cujas proporções e texturas construtivas honram os nossos artistas e os nossos artifices e a que D. João V deu o influxo da sua vontade e o nervo do dinheiro estadual, ficou agora mais valorizada, depois que o silencio das suas torres foi rasgado e as populações das cercanias foi dado ouvir em brilhante sons de bronze o que ha muitos anos lhe estava vedado.

No gigantesco edificio onde se exibem todos os mar-mores da região portuguesa e onde no seculo XVIII se evidenciou uma curiosa escola de escultura, há agora, sempre, um sorriso de melodia doce que nos vem recordar o passado de Chambini e Gluck, Rameau e Boccherini. Durante a semana ocorrem à Mafra altaneira,

carros de toda a especie onde o habitante da capital e o poroador do velho termo lisboeta se conduzem para ouvir os concertos dos celebres carrilhões. É um espectáculo festivo, para nós, «sui generis» em que nos dão os programas variados que a imprensa divulga com um reparavel isocronismo!

É também um pretexto para um passeio aprazível que ninguém de bom gosto desprezará. Musicos de profissão e amadores, pessoas avidas de sensações novas não querem perder o ensejo de assistir a essas curiosas audições. O som corre por aqueles campos férteis, onde o sol doira o convento, pondo-lhe notas vivazes e evocativas! Porém, há sempre o senão fatal.

... A par de musicos de bons autores, á mistura com minuetes setecentistas apparecem fados, de que eu não desdenho, mas que certamente maculam a compostura daqueles trechos que são dignos de tão formosos carrilhões, porque não está certo que ao lado de uma pavana, ou dum andamento de Mozart se coloque o fadinho, mesmo que ele não seja do «rigoroso» e pretenda revestir moldes eruditos, como os que ultimamente andam pelos saídes. «A tout seigneur tout honneur...»

Medite-se nisto, que já é tempo! Não pode ser! Os carrilhões do convento de Mafra a tocarem o fadinho...

NOGUEIRA DE BRITO

Mulheres de Hoje O QUE ELAS DIZEM...

Por MARIA DE CARVALHO

ENTRE as delegadas da Conferencia da Associação de Professoras, em Londres, esteve Miss Tséng, uma feminista chinesa, das mais avançadas do seu paiz.

Miss Tséng apresentou-se extremamente segura de si, activa, cheia de vivacidade, e com o cabelo cortado. Personifica a mulher moderna do Oriente, apezar de pertencer a uma familia cujos antepassados conhecidos remontam a quatro mil anos!

Um tio de Miss Tséng, o Marquez de Tséng, foi ministro da China em Inglaterra, noutro tempo.

Ha dez anos, depois de ter sido diplomada pela Universidade de Londres, ao regressar ao seu paiz, Miss Tséng converteu o seu palacio de familia, «Chansghu Hunan», numa escola superior feminista, chamando-lhe «I Fang», o que quer dizer «Jardim Fragrante».

Ultimamente, essa escola foi assaltada pelos comunistas chinezes, e Miss Tséng, professoras e alunas foram obrigadas a sair, constringidas brutalmente pela força das armas, e abandonaram, por algum tempo, o seu colegio.

Miss Tséng foi entrevistada, em Londres, por um reporter do «Daily Mail», e disse-lhe as suas impressões sobre as raparigas, que ali tem visto nas escolas.

—A principal coisa que noto é a tranquillidade de espirito das alunas inglezas, resultado, certamente, de trabalharem numa atmosfera de paz. Na China é impossivel obter, actualmente, esse estado mental, porque se vive numa revolução constante. Penso que as raparigas das escolas chinezas são mais activas e cheias de vida do que as inglezas e ao mesmo tempo mais sérias e concentradas. As inglezas são muito mais ruidosas!...

Miss Tséng acrescentou que lhe fora agradável observar que as raparigas se vestiam com mais simplicidade depois da guerra.

E eis aqui como se va transformando a mulher chinesa. Miss Tséng aparenta pouco mais de trinta anos, nos retratos. Tem o rosto cheio, o cabelo alisado para traz, a fronte alta. Usa oculos sobre os olhos pequeninos, tem o nariz chato e a boca grande.

Que diferença da gentil figurinha vestida de ricas cabaias de seda, que conhecemos dos leques e dos biombos! Uma

chinesa nunca chegava a ser feia, de tal modo o seu ar precioso de bonequinha de marfim corrigia qualquer imperfeição.

O que pensariam de Miss Tséng os seus antepassados de quatro mil anos?

O que pensam os homens de hoje, especialmente os que se recordam de as ver equilibrar-se sobre os pés microscópicos, aristocraticamente atrofiados? Isso é com elles.

São assim as mulheres de hoje.

Resta saber como serão as de amanhã.

MARIA DE CARVALHO

BREVEMENTE:

O Carmo e a Trindade

Sensacional folhetim lisboeta

por FELICIANO SANTOS





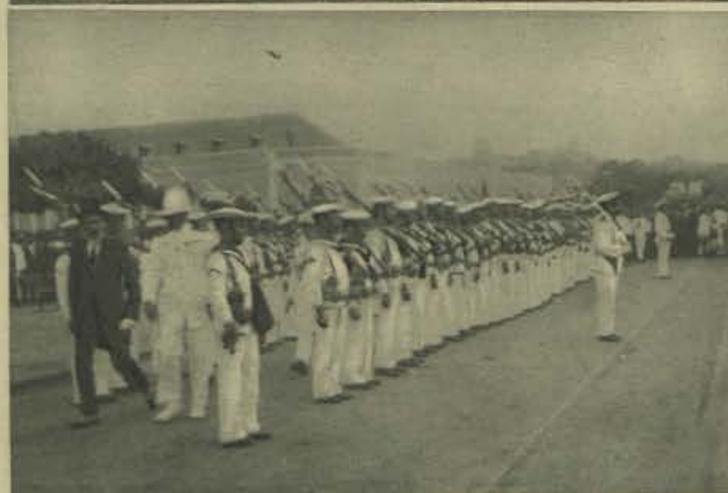
EXERCITO PORTUGUÊS
EXERCICIOS EM MAFRA

ÉIS um interessante aspecto dos ultimos exercicios militares realizados há pouco em Mafra. «EM BAIXO»: Um grupo de officiaes que tomaram parte nos exercicios: (De pé da esquerda para a direita:) Alferes Chaby, Mario Silva, Ferreira, Hasse, Castro, Heitor, Gouveia, Rocha e Barroso. (Sentados e da esquerda para a direita:) Alferes Gonçalves, Trogal, Pascoa, Brito e Abreu, Mira, Sanchez e Silva Pereira.

(Fotos Alves Gato)

NO NOSSO IMPERIO COLONIAL
VIAGENS MINISTERIAES
S. Ex.^a o senhor Ministro das
Colonias em Loanda

DAMOS hoje alguns aspectos da viagem do senhor Ministro das Colonias ás nossas possessões africanas em fotografias



enviadas pelo nosso correspondente em Loanda. — S. Ex.^a o Ministro, acompanhado do Alto Comissario, passando revista à guarda de honra quando do desembarque em Loanda — O Ministro das Colonias, Alto Comissario e Sr. Armando Cortezão, e outras individualidades em destaque, seguindo da Camara Municipal para o Palacio do Governo.

A' saída da Camara, após os cumprimentos.



A homenagem ao novo director do INSTITUTO SUPERIOR DE COMERCIO



O banquete que no Maxim's se realizou no sábado passado, e em cuja presidência se sentou o Sr. Dr. Beirão da Veiga, foi uma festa que revestiu aspectos muito interessantes que convem pôr em evidência e que é justo e consolador salientar. Não pertencemos à classe daqueles que admiram as pessoas pelas situações que elas ocupam—e não nos dispensamos de analisá-las tranquilamente por mais eminentes ou indiscutíveis que os seus meritos sejam apregoados. Mais ainda: quando posições, como as do Sr. Dr. Beirão da Veiga—são ocupadas por individualidades, em plena ascensão da vida—há que exigirlhes a justificação que torne legítima essa posse.

Quanto a nós o Sr. Dr. Beirão da Veiga, teve, na reunião dos seus amigos e admiradores a prova, verificada e real, de que ocupa legitimamente os lugares de destaque e de responsabilidade que tem accedido pela vida fora. O seu discurso que fechou a serie de algumas orações brilhantíssimas, ou de discursos de transparente e comovente sinceridade—foi, antes de mais nada, um modelo de verdadeira eloquência, de eloquência moderna, concisa, elegante, arrastada sem os ridiculos excessos, nem as frases campanudas do velho parlamentarismo esteril. Quando outro prazer não tivesse havido, nesse monumental e interminavel banquete—bastaria o de ter ouvido a sua exposição nobre e intelligente, onde o professor apparecia, sereno, conquistando pela naturalidade e por esse poder de convencimento que vem do raciocínio claro e da expressão justa.

Podia—o Sr. Dr. Beirão da Veiga—ter-se limitado a pronunciar um cumprimento banal e protocolar. Ninguém lhe exigiria, nesse momento, até certo ponto soletinne da sua vida, uma oração da grandesa daquela que pronuncia. A sua intelligencia, a sua cultura—e mais que tudo a sua modestia sincera e por isso mesmo valiosa—levaram-no a aproveitar essa oportunidade para enaltecer os outros—e com que nobresa o fez!

Mas os aspectos particularmente interessantes dessa festa—salientados já pelo Sr. Dr. Beirão da Veiga,—vão de facto além, e acima duma homenagem pessoal—por muito merecida e justificada que ella fosse. Na mesa de honra da magestosa sala onde se sentaram tresentas pessoas, encontravam-se bastantes antigos ministros e o presidente da Academia das Sciencias. Representantes de muitas correntes politicas ali estavam—para homenagear um homem que nunca fez politica senão na accepção nobilitante do termo.

Ali estavam os vereadores que foram na transacta Camara Municipal colegas do Sr. Dr. Beirão da Veiga. Ali estavam os creadores e os antigos directores do Instituto Superior de Comercio—estabelecimento da mais transcendente importancia e do mais decisivo peso na orientação

e na criação das «élites» dirigentes da força viva do país. Ali estavam ainda os representantes da Empresa Nacional de Publicidade, de que o Sr. Dr. Beirão da Veiga é director-delegado. Uns e outros vinham dar o seu apolo e o seu estímulo a uma obra feita, e a uma obra a realizar.

E, assim, essa festa que foi a glorificação do trabalho extenuante e glorioso dum homem novo e dum grande valor português—passou a generalisar-se num himno de fé e de consoladora confiança nos destinos desta terra.

O *Noticias Ilustrado* é, em grande parte, obra do Sr. Dr. Beirão da Veiga. A ele se deve a animação e o impulso que nos entusiasmou a prosseguir, e à sua decidida e dedicadissima protecção o estímulo que tem mantido a grande edição semanal do maior jornal português.

Não calcula o publico os sacrificios, as dedicacões, o trabalho extenuante, a serie de contrariedades, a dolorosa odisseia que é a vida dos jornais—linha de francos atiradores onde se morre ingloriamente.

Se como compensação não houvesse o prazer—bem raro—de ter como chefe um homem da envergadura mental e moral do Sr. Dr. Beirão da Veiga, dum animador cheio de fé e de mocidade, dum director que é um camarada, esta profissão seria um lento suicidio.

L. B.

N.º 56 = SERIE II = O NOTICIAS ILUSTRADO = PAG. 9
O Sr. Dr. Beirão da Veiga, no Noticias Ilustrado fez-se representar pelo seu director.

3º CONGRESSO EUCARÍSTICO EM VIANA DO CASTELO



A S P E -
C T O S D O
I I I C O N -
G R E S S O
E U C A -
R I S T I C O
P O R A R -
M A N D O
B O A V E N -
T U R A



«EM BAIXO»: Crianças do Colegio de S. Domingos, quando da comunhão.—O Momento da Bênção após a Procissão Eucarística.

(Fotos A. Carneiro).



O Minho tradiçionalmente religioso, acabou de realisar mais um congresso eucarístico—manifestação de fé, manifestação, sobretudo, de valores mentais da Igreja Católica.

Ao lado da figura veneranda, hierática, figura mixta de diplomata e de asceta—um beneditino—, os Prelados portugueses tendo á frente o Arcebispo Primaz das Espanhas, D. Manuel Vieira de Matos, a quem se deve a iniciativa em Portugal, dos congressos eucarísticos.

É certo que, por determinação especial de S. Ex.ª Reverendíssima não houve festas profanas—tão castiças do povo minhoto, tão garridas, bizarras, do povo de Viana do Castelo. Daí a pouca concorrência de povo, de forasteiros.

O congresso foi apenas uma manifestação de fé religiosa, de vida religiosa, com seus actos liturgicos, suas sessões solenes realisadas na igreja de S. Domingos—onde dorme, há quasi quatro seculos, Frei D. Bartolomeu dos Mártires, cujo tumulo foi agora aberto—e uma manifestação eloquente dos altos valores intellectuaes da Igreja em Portugal.



Do III congresso eucarístico o «Noticias Ilustrado» dá hoje uma larga reportagem gráfica pela qual se avaliará da sua grandeza.

Nas sessões de estudo e nas sessões solenes houve trabalhos de valor. O clero ocupou-se da situação da igreja e do culto exterior e interior. Pela primeira vez, ali foram feitas judiciosas apreciações à forma de cuidar do interior dos templos e à forma de cada um, que se diz e é católico, apostólico e romano, saber cumprir os seus deveres religiosos. Abordou-se também o problema das vocações sacerdotais—vocações que deverão ser aproveitadas e guiadas desde o lar familiar, a fim de dar à Sociedade apenas sacerdotes que o possam e devam ser por vocação ou inspiração divina, acabando-se assim o velho erro de fazer clérigos e fazer religiosos pessoas que para tais misteres não possuem condições—(é o que se dava nos séculos XVIII e XIX, com grave prejuízo da religião).

Um problema focado com inteligência e patriotismo foi o das missões religiosas no Ultramar. Falou-se, insistiu-se na necessidade de civilizar as nossas colónias pelas missões religiosas, especialmente congreganistas, que têm gloriosas e seculares tradições entre nós. Fez-se justiça aos Governos da Republica e aos homens da Republica, como dr. Alvaro de Castro, Rodrigues Gaspar e outros que, no periodo do constitucionalis-



mo republicano, deram o exemplo de protecção ás missões religiosas. O nome do saudoso comandante João Belo, autor da reforma das missões, foi memorado com respeito e a sua obra exaltada.

O grande conferente do Congresso foi um jesuíta—um jesuíta novo, padre Mauricio dos Santos, inteligente, vivo, combativo, que, desassombrada e elevadamente, defendeu a questão das congregações religiosas, combatendo com vigor, mas de forma tão elevada, que as suas palavras não feriam os adversarios, o espirito nacionalista e liberalista, que, desde Pombal, condena o congreganismo religioso como atentatorio da Liberdade.

Foi formidavel este jesuíta, pelo seu trabalho, revelador duma alta mentalidade e dum grande desassombro. Ouvimos-lhe fazer, por parte dos adversarios, os mais rasgados elogios—e os seus adversarios são todos os que, adentro das formulas da Revolução Francesa, discordam e guerreiam o chamado espirito de seita.

OUTROS ASPECTOS DE VIANA DO CASTELO DURANTE O III CONGRESSO EUCA- RISTICO. FOTOGRA- FIAS E TEXTO DE ARMANDO BOAVEN- TURA.

A. B.

VEET



Usa sempre VEET que é o depilatorio preferido por milhões de senhoras em toda a parte do mundo

PODE-SE OBTER VEET NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS DE TOILETTE.

PREÇO: 10\$00 CADA TUBO. PELO CORREIO 11\$00

Representante em Portugal

T. RODNEY HATHERLY

Rua da Conceição, 35, 2.º - Lisboa

TEL. C. 2945



ARTISTAS PORTUGUÊSES DE CINEMA

A, direita: o artista Antonio Ribeiro, que se encontra na Alemanha ha seis mezes, e que já tem entrado em alguns pequenos filmes. A' esquerda o galã A. Ferro Faro, que fez a «Fatima Milagrosa» com geral agrado.



O Edifício dos Paços do Concelho — O Museu Camarário instalado no antigo Palácio Galveias.



O miradouro de Santa Luzia.



A OBRA DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA



A actual Comissão Executiva da C. M. L. — O Lago do Parque Eduardo VII.



Arrazados os ignobes barroços da Rua 24 de Julho, surgiu uma linda avenida moderna e civilizada.



Comença a realisar-se um sonho de há muito: A imponente Avenida da Índia.



HEIS ALGUMAS DAS OBRAS, ENTRE MUITAS, COM AS QUAES, A CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA, CONSEGUIU, EM BEM POUCO TEMPO, MODIFICAR A FISIOGNOMIA DA CIDADE. UMA OBRA, ASSIM, DE ENERGIA, TRABALHO E INTELIGENCIA MERECE SER CITADA COMO EXEMPLO.

(«Fotos» Ferreira da Cunha)



Os novos mercados da Rua 24 de Julho tem um aspecto asseado e sadio. Tambem a Rua da Palma, se alargou e mostra uma ampla e nova perspectiva!



AO esforço despendido pelos homens que teem hoje nas mãos os destinos do município já podemos dar o nome de obra. Obra inteligente, marcando um enorme avanço e que deu à nossa cidade,—num pulo, a bem dizer—uma serie de novos e belos aspectos. Desde o asfalto dos arruamentos—tal qual como nas mais civilizadas cidades do mundo—até à iluminação clara que à noite esclarece Lisboa, tudo foi visto e trabalhado com a cabeça e com a energia.

Ninguém ousava bolir com os ascorosos barracões que, grotescamente, eram o simulacro de um mercado. E os barracões continuavam enchendo-nos de vergonha e fazendo sorrir com desdem os estrangeiros.

Pois bem: já lá não estão! Em seu lugar está hoje uma



O Pavilhão Português que esteve na Exposição do Rio de Janeiro, está a ser reerguido no Parque Eduardo VII—As obras no Bairro Social do Arco do Cego, prosseguem activamente.

bela avenida ajardinada, larga e moderna! Foi um dos actos que mais fundamente marcou a forte orientação da actual Comissão Executiva.

Mas, em todos os lados da cidade a sua obra se ve, nitidamente, como a resultante desse esforço inteligente.

Reproduzindo alguns dos melhoramentos de Lisboa «O Noticias Ilustrado» presta assim homenagem a esses portugueses que bem a merecem.



O regresso do Senhor Doutor Antonio José d'Almeida



O nosso fotografo conseguiu fixar, à entrada da sua residencia, o senhor doutor Antonio José d'Almeida, quando do seu regresso de Espanha onde foi procurar alivio para os seus padecimentos junto do hoje mundialmente conhecido Dr.

Asuero.

Músicos Novos



Eurico Tomaz de Lima, que há poucos dias concluiu no Conservatorio Nacional de Música o curso de virtuosidade de piano com a honrosa classificação de «distinção e louvor», a primeira concedida até agora no exame final desse curso.



PARA TER UM PEITO BONITO

NÃO É NECESSÁRIO
SOFRER!

Para quê expôr-se a longas, fastidiosas e ridículas sessões por Institutos de Beleza, ou então as dolorosas e perigosas operações cirurgicas?

Para quê perder precioso tempo e gastar inutilmente dinheiro? Enquanto vos é possível obter os mesmos resultados por um processo seguro, rápido e gradual, na vossa propria casa,

tranquilamente e com pouca despesa, graças aos celebres

MÉTODOS PARISIENSES

UNIVERSALMENTE CONHECIDOS E LARGAMENTE COMPROVADOS

EXUBER BUST DEVELOPER

PARA O DESENVOLVIMENTO DO BUSTO

EXUBER BUST RAFFERMER

PARA O ENRIJAMENTO DO PEITO

Estes dois metodos que contam mais de 18 anos de exitos numerosos e incontestaveis, são puramente EXTERNOS e absolutamente INOFENSIVOS. A sua eficacia é garantida com toda a seriedade, tanto mais que são calorosamente recomendados por inumeros e eminentes facultativos.

Se a Natureza se mostrou avara convosco, se o tempo, a doença, a fadiga, a maternidade, os excessos, estragam o vosso talhe, não existeis um momento, pedindo hoje mesmo os CONSELHOS GRATUITOS e o interessantissimo opusculo sobre a Mulher (que vos serão enviados gratis e discretamente) a

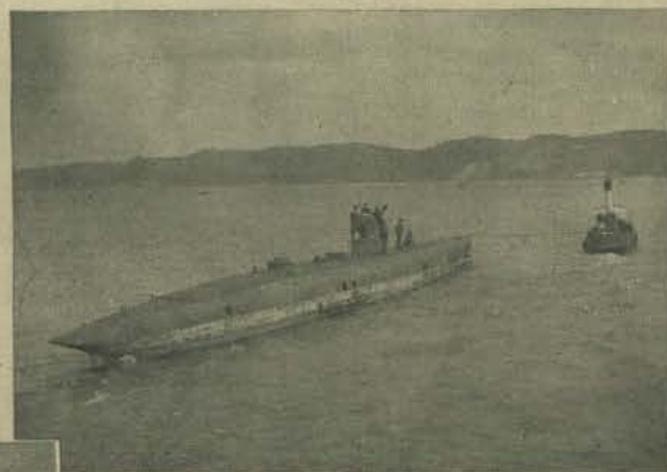
Mme. HELENE DUROY, Divis, 678

11, RUE DE MIROMESNIL, PARIS (VIII)

Assinar o vosso nome e vossa morada com toda a clareza e juntar ao pedido a franquia para a resposta.



ESCOTISMO:—Uma fase do desafio de «Basket» no concurso inter-patruilhas da Escola Veiga Beirão.



A ULTIMA VIAGEM DO «ESPADARTE»

Encomendado pelo Governo português em 1910, aos estaleiros de Orlando, em Livorno, foi lançado à agua em 5 de Outubro de 1912, com a assistencia do nosso ministro em Roma sr. dr. Eusebio Leão. Longos serviços prestou à nossa marinha e, agora, estropeado, foi vendido a um negociante de sucatas. O nosso fotografo focou-o no momento em que, rebocado, fazia a sua ultima viagem para a doca onde vae ser desmanchado.



AVIAÇÃO PORTUGUESA

EM CIMA:—A posse do novo director da Aeronautica Militar: sentados, da esquerda para direita, coronel Amilcar Pinto, coronel Eduardo Marques, e tenente-coronel Cifka Duarte.—A DIREITA:—A comissão das Festas de Aeronautica promovidas pelo Aero-Club com a coadjuvação do «Diario de Noticias». As Festas serão em breve realisadas no aerodromo do Campo Grande.



A SEMANA DAS GRANDES «REPRISES»

O PUBLICO DO São Luiz

VAI DIZER QUAL O MELHOR FILME DA ÉPOCA, ESCOLHENDO AO MESMO TEMPO OS SEUS ARTISTAS PREDILECTOS.

O São Luiz está preparando o vasto programa da temporada cinematografica de 1929-1930. Mas a Empresa, pretende primeiro, que o público indique o genero de filmes que prefere.

Para isso, na bilheteira, serão fornecidas senhas onde cada espectador escreverá a sua opinião, que deve depositar numa urna exposta no «foyer» do S. Luiz durante a proxima semana.

De 10 a 16 de Julho o São Luiz fará «reprise» de sete dos melhores filmes da temporada.

<i>Na 4.ª feira, 20</i>	<i>Na 6.ª feira, 22</i>	<i>Na 2.ª feira, 15</i>
O DEMONIO E A CARNE	A TENTADORA	PREÇO DA GLORIA
com Greta Garbo e John Gilbert.	com Greta Garbo e Antonio Moreno.	com Dolores del Rio e Victor Mac Laglen.
<i>Na 5.ª feira, 11</i>	<i>No sabado, 13</i>	<i>Na 3.ª feira, 16</i>
VIDAS TENEBROSAS	RAMONA	TORTURA DA CARNE
com George Bancrofte e Evelyn Breet.	com Dolores del Rio e Warner Baxter	com Emil Jannings e Phyllis Haver.
	<i>No domingo, 14</i>	
	VOLGA-VOLGA	
	com Schletow e Lillian Davies.	

Durante a proxima semana, revendo ao mesmo tempo as obras primas de 1928-1929, o público manifestará a sua opinião indicando o genero de filmes e os artistas que prefere.

Os espectadores vão responder ás seguintes perguntas:

1.ª—QUAL O FILME QUE PREFERE DENIRE OS EXIBIDOS DURANTE TODA A EPOCA DE 1928-1929, NO SÃO LUIZ?

2.ª—QUAL A ACTRIZ CINEMATOGRAFICA QUE PREFERE?

3.ª—QUAL O ACTOR CINEMATOGRAFICO QUE PREFERE?



TEATRO

AS GRANDES FIGURAS DA SCENA

A U R A

A MAIS PORTUGUESA
DAS NOSSAS ACTRIZES

AURA, a queridíssima actriz, a mais linda e a mais portuguesa das nossas mulheres de scena — não trabalha neste momento.

É triste ver como passam as épocas e esta grande actriz ou se deixa ficar no remanso da sua quinta, ou aceita contractos como o da última época do Politeama, onde o seu admirável talento não teve uma só ocasião de brilhar a pleno fulgor.

Actriz de admiráveis recursos, em plena maturação, no momento culminante da vida — seria, em uma época com outras características, acarinhada e ovacionada como uma Rainha da aristocracia rara da Arte e da Beleza. São bem infelizes os artistas dramaticos, neste tragico desmanchar de feira, desmoralizado e empobrecido, do teatro Português! Luctando com a concorrência do espectáculo internacional de cinema, com a falta de originaes escriptos para as suas possibilidades, com a ausencia de capitalistas e de directores de teatro, com o desconforto das nossas salas de espectáculo, com a desunção e a falta de dedicação profissional dos artistas sem a qual não são possíveis os grandes conjuntos de teatro — esta grande actriz, que seria grande em qualquer país do mundo — está reduzida a pouco menos que uma figura apagada e secundaria.

E, no entanto, o público aceita-a, o público aplaude-a, o público vibrou com as suas grandes peças, o público enchia as salas em que ella representava e deu-lhe noites de glória.

Pergunta-se: Então o facto de estar revolucionado o caracter do espectáculo, de ser preciso modificar as acções para conseguir público justifica ou explica que se não aproveite esta admirável artista?

Virá decerto o dia em que o público de novo se ha-de encontrar bem com os seus artistas — mas até lá, devemos confessar que a sua ingratidão é bem injusta. . .



AS DECORAÇÕES NO TEATRO DA PINTORA MARIA ADELAIDE DE LIMA CRUZ

EIS uma interessante cortina da jovem pintora Maria Adelaide de Lima Cruz, que illumina um dos actos da revista «Manda quem pode» em pleno exito no Teatro da Trindade. 'A esquerda damos a inédita fotografia da artista quando trabalhava na interessante decoração.

ECOS, NOTICIAS E CURIOSIDADES «Récord» de altura

Exames

COMEÇARAM os exames, o que quer dizer que começaram as cólicas dos meninos e respectivas famílias, a perseguição em busca



do «sempenho», da «cunha» eficaz que ajude a vencer o obstáculo.

Recentes disposições oficiais vieram complicar os exames da liceu e tirar aos professores os magros proventos que eram minguada recompensa de algumas horas diárias de trabalho suplementar. Daí resulta um mau-humor latente, que invadiu alunos e mestres. O ambiente das salas de exame é mais pesado e o sorriso estereotipado dos examinadores não engana ninguém... O sorriso é também filho de ordens oficiais... Como se a afabilidade, as palavras doces, quizessem dizer alguma coisa! O professor que interroga de manhã até à noite, sem receber mais um centil do que nos dias em que se demora apenas umas três horas no liceu, não pode, evidentemente, estar a sentir-se felicíssimo, na melhor e mais risonha disposição de espirito. Mas, como é «professor» (e, digam o que disserem, ainda há professores que sabem quanto «noblesse oblige...»), aguenta, aguenta, sem tornar os examinandos responsáveis da sua pouca sorte. Mas, no íntimo, deve experimentar, diante dos meninos trémulos, uma amargura que, guardadas as devidas proporções, deve assemelhar-se à do condenado à morte a quem obrigassem a sorrir para o carrasco... Porque, nos tempos presentes, em questão de exames, só os meninos é que são carrascos. Em vez de «cunhas» dos papás para os professores, eram mais lógicas as «cunhas» dos professores para os papás, suplicando que não deixassem «passar» os meninos para a bicha interminável dos candidatos a doutores ou a negociantes de raposas...

O «espirito» inglês

O conhecido estadista inglês M. Winston Churchill recebia frequentes vezes a visita dum membro do Parlamento, que vinha sempre fazer qualquer pedido, principalmente pedidos de colocação para amigos seus. Um dia, o pretendente perpetuo veio ter com M. Churchill algumas horas depois de ter conhecido da morte do alto funcionário.

—O meu amigo X... não poderia, por acaso, obter o lugar de M. John (o alto funcionário falecido)?

M. Winston Churchill respondeu com aque-



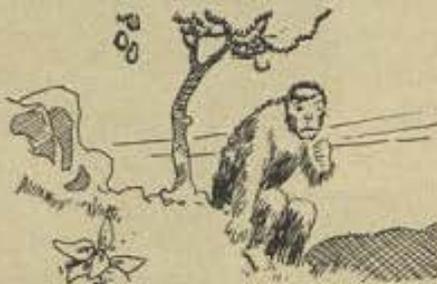
la gravidade que é característica dos homens de Estado ingleses:

—Talvez... Mas isso é só com ele... Que vá ele proprio informar-se se o calção lhe poderá servir.

Não reza a crónica quais os cambiantes por que passou a face do suplicante...

Uma descoberta zoológica

EM Abril próximo passado, o sr. Bouvier apresentou à Academia das Ciências francesa uma nota do sr. G. Montandon revelando a existência actual, na America do Sul, nas florestas do Rio-Catatumbo, dum macaco de aspecto antropoide. Um exemplar dessa raça, cuja fotografia foi projetada, foi morto pelo geólogo suíço François de Loys. Mede 1^m50 e tem a corpulência do gibão, os membros dum orangotango, as mãos e as narinas dos macacos americanos e uma cabeça mais parecida com a do ho-



mem do que qualquer cabeça, de todos os macacos antropoides. A nova especie foi baptizada com o nome de Amer-antropoides-Loysi. A sua existência explica as estatuas de pseudo gorilas que teem sido encontradas na região dos Mayas.

O alfabeto Braille

ALGUNS países civilizados e sobretudo a Suíssa e a França, preparam-se para celebrar, ainda este ano, o centenário da invenção do alfabeto conhecido pelo nome de Luis Braille, seu inspirado autor. Foi em 1829 que Braille, aluno da Escola de Cegos de Paris, deu por terminados todos os aperfeiçoamentos no seu alfabeto, o qual imaginara, quatro anos antes, para permitir que os cegos lessem e escrevessem como os restantes mortais. Antes de Braille, já dois franceses, Valentim Haüy, intérprete do rei, e Carlos Barbier, oficial de artilharia, ti-



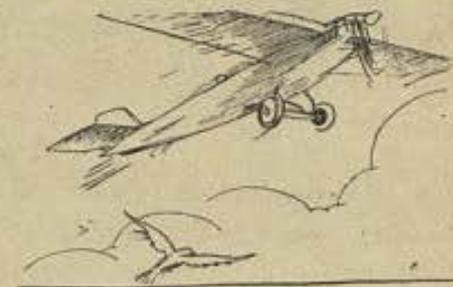
nham inventado processos capazes de permitir aos cegos a leitura e a escrita. Mas nenhum desses processos era pratico e de simples aprendizagem. Aos vinte annos, Luis Braille cego desde os três annos de idade, publicou a admirável «Anaglyptografia» ou método de leitura e escrita por meio de pontos em relevo. A clareza, a simplicidade e todas as qualidades practicas que illustravam o método, depressa popularizaram o nome de Braille. Ao principio os livros destinados aos cegos eram compostos à mão; mais tarde, inventou-se uma maquina de compor especial, que permitiu dar enorme expansão à leitura destinada aos infelizes privados da vista.

CASA DOS ARCOS

a melhor e mais distinta allia-taria de Lisboa

154, RUA AUGUSTA, 156 LISBOA

O «récord» de altura em avião acaba de ser batido por um aviador alemão, que chegou à altitude de doze mil setecentos e quarenta metros, ou seja, ao mais alto ponto que os ho-



mens teem atingido. Esta ascensão foi rodeada de todas as garantias para o funcionamento e fiscalização dos aparelhos. Não é cousa fácil atingir semelhante altitude. Ao principio, há a luta contra a rarefaccão do ar, que só fornece aos pulmões um quarto do oxigénio que lhes dá ao nível do solo; para remediar esse inconveniente, recorre-se ás inalações de oxigénio absorvidas por meio duma máscara respiratória. Depois, há que lutar contra o frio. A temperatura do ar abaixa à medida que nos elevamos na atmosfera; à altitude de 12.740 metros, encontram-se temperaturas de 30 ou 40 graus negativos, contra as quais todas as precauções são poucas.

Curiosidades artisticas

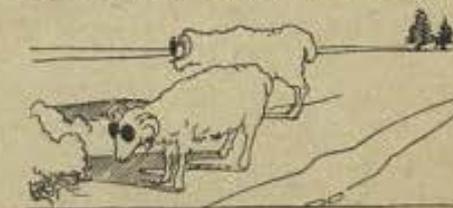
O sr. Walter G. Mortland, cidadão americano, acaba de oferecer ao Louvre um belo retrato do cardeal Mazarin, pintado por Filipe de Champagne. Não contente com semelhante generosidade, ofereceu ainda uma importante quantia para a Escola de Louvre.

Foi agora vendida na America, por 50 milhões de dólares (um milhão de contos de reis) e mais bella das collecções de moedas que existem, a qual, segundo dizem reúne 10.000 tipos de moedas diferentes, e foi cedida pelo seu proprietario à Chase National Bank of America. Essa collecção apresenta um exemplar de papel-moeda chinês, que deve datar de 1.300 annos antes de Cristo nascer.

Um negociante de Versailles encomendou a um pintor os retratos de seus filhos. Satisfeita a encomenda, recusou-a, alegando que os retratos não estavam parecidos. O pintor levou o caso para os tribunais. O tribunal de Versailles adiou o julgamento, mandando comparecer, na próxima audiência, os modelos, que serão confrontados com os quadros.

Carneiros com óculos

TODOS nós temos visto Carneiros—pelo menos um Carneiro, um sr. Carneiro...—com óculos. Mas carneiros ruminantes, ou vacas e bois, a ruminarem a erva, tendo encarrapitados no nariz uns enormes óculos, só nas provincias do norte da Russia. Os lavradores dessas provincias viram-se forçados a entrar em despezas,



fornecendo óculos ao seu gado, para assim o proteger contra as terriveis oftalmias que nelle provoca o reverbero das neves. Escusado será accentuar o aspecto cómico que passam a ter esses rebanhos de animais armados de óculos e que, ao curvarem a cabeça para o chão, fazem lembrar velhos sábios empenhados em profundas cogitações sobre amarelcidos alfarrábios.

Miscelanea feminina

Uma moda irlandesa—Uma princeza e um imperador que vão no conto do vigário—O dever cumprido à custa do coração despedaçado.

A GORA é a Irlanda que dá sinal de si. A terra de S. Patricio, a terra dos «sinn-feinners» que, com de Valera à frente, travou com a poderosa Albion a mais cruenta e mais audaz de todas as guerras movidas pelo patriotismo, neste seculo de grandes concepções, a Irlanda propõe-se neste momento a efectuar uma grande revolução no campo das modas e das elegancias, dispensando um dos queridos e apreciados ornamentos da indumentaria feminina, que sobremaneira exaltam a imaginação dos homens: a meia.

Pois é assim mesmo. As elegantes irlandesas



dispõem-se a calçar apenas o pé com mais ou menos requintes de «coquetterie», deixando as pernas nuas. O caso tem provocado o alarme dos moralistas de Dublin, dos quais, os mais avançados—no caso presente os mais avançados são os mais recuados—chegam a ver na nova moda um poderoso factor da dissolução de costumes, uma violenta machadada vibrada na D. Moralidade e no bom senso social.

Ora a despeito de Victor Hugo ter escrito que a «mulher nua é a mulher armada», permitimo-nos discordar do mestre eminente e zombar dos receios apregoados pelos moralistas da verde Erin. Por muito belos que sejam os encantos de uma mulher, os encantos que a imaginação dos homens lhes atribue são sempre muito superiores. Velar esses encantos, deixando-os perceber, revelar ou adivinhar, estimulando em alto grau a nossa imaginação, eis em que consiste o segredo da beleza feminina triunfante. Deus criou a mulher nua e foi Satan quem lhe deu a primeira arma de «coquetterie», ao fornecer-lhe a classica folha de figueira. A propria beleza de Phirné resulta mais estonteante do tenue veu que a enquadra. Assim, tambem, a perna nua apresenta-nos defeitos, pêlos, manchas, côr, veias, nervos salientes, etc.; envolvida numa meia de seda, leve e transparente, esses defeitos atenuam-se, dissipam-se e a forma realça,

tal qual succede com o fulgor de um brilhante ressaltando de um fundo de veludo negro ou de um seio estonteante de mulher.

Sejamos praticos. Quem perde com o negocio é a industria que não a moral. Os fabricantes de meias é que tem de se queixar, se acaso a moda péga, e não os moralistas. E se estes, por vezes, ou quasi sempre se tornam desagradaveis ao belo sexo, aqueles sabem-no explorar às mil maravilhas. Se, para algumas mulheres, meia duzia de pares de meias de alto preço representam uma ninharia, outras ha para quem um unico par bem conservado e atraente constitue uma preocupação de todos os dias e de todas as horas. Mas se a moda se propaga, como este mundo é feito de contrasensos, veremos que são as primeiras a adoptar a perna nua e as ultimas a mostrarem uma relutancia quasi invencivel à nova moda.

Tambem, se assim não fôsse, o caso não tinha graça nenhuma.

TODOS nós, quando percorremos o noticiario dos jornaes diarios, se nos depara com um caso de vigarice em que um bom provinciano fica à dependura por ter, na sua boa fé, passado para as mãos de um famigerado gatuno, ladino e esperto, a carteira o relógio e a corrente, em troca de um maço de sebentos papeis velhos, todos nós, somos de uma grande crueldade para com o pobre vigarizado e percorremos a escala dos adjectivos perjurativos—estupido, parvo, alarme, bruto, burro—para exprimirmos a nossa ironia ou a nossa indignação contra a pobre vitima do bem urdido trama. Mas «todos comem palha a questão é saberem-lha dar», diz um velho rifão e a atestar a verdade nele contido está a interminavel legião de milhares e milhares de pessoas burladas, desde que o mundo é mundo. E não se diga que qualquer de nós tem a sufficiente esperteza para não ir nesse conto. Todos, todos absolutamente cáem, a questão é do meio, da forma, do engodo com que a armadilha é preparada.

Depois deste entrecho e para provar a asserção feita, que a alguns arrojada poderá parecer, seja-nos licito colocar deante dos olhos dos incredulos a pessoa do sr. Schappeler, ex-director dos correios da Austria que conseguiu fundar uma sociedade para a exploração dos seus pretendidos inventos entre os quaes figuravam uma maquina destinada a recolher a electricidade do solo e sub-solo e outras invenções não menos atractivas.

Schappeler propunha-se ainda com a exploração dos seus inventos nada mais nada menos do que efectuar a restauração monarchica da Alemanha, engodo com que ludibriou o proprio ex-kaizer Guilherme II, cuja avareza é de sobrebejo conhecida e sua esposa actual, a princeza Herminia, tão forrêta como o seu ex-imperial consorte. Para a peregrina empeza subscreveram o exilado de Doorn e sua morganatica esposa, a conselho desta, claro está, com o melhor de um milhão de marcos ouro, divididos em partes eguaes, entregando, por conta, ao decantado Schappeler 600.00 marcos-ouro.

Como o tempo passasse e o Schappeler não desse sinal dos seus inventos, os subscritores houveram por bem entregar os planos em questão a um professor de Viena, para que sobre eles se pronunciasse. O homem de sciencia pouco tempo levou a declarar que esses planos transcendentales pouco mais valiam do que a ponta do cigarro, depois de apagado e que, por isso, a empreza «kolossal» apenas se baseava na exagerada boa fé dos ludibriados acionistas.

Em abono da esperteza de Schappeler devemos dizer que este se puzera em fuga em boa altura e em que os seus crédores entre os quaes figuram Guilherme II e sua esposa, ficaram consternados com a partida. Estes com mais razão de que os outros, porquanto não foi só o seu rico dinheirinho que o «inventor» lhes levou mas com ele mais uma esperança da reconquista do trono dos Hohenzollern. Ora nessa reconquista contra o que seria natural, a princeza ainda anda mais empenhada do que o soberano destronado.

E nem sempre o que a mulher quere, Deus o quere tambem... pelo visto.

DEPOIS da tragedia o drama. Ha pouco, tratámos de uma telefonista que sacrificou a vida à salvação de centenas de vidas ameaçadas por terrivel catastrofe e hoje, trataremos de uma outra telefonista a quem uma alta noção do cumprimento do seu dever obrigou a sacrificar um pae adorado.

Na estação telefonica de Dixon, no Estado de Illinois, estava de serviço a telefonista Rilla Webster, quando, a determinada altura, o departamento de policia local lhe pediu ligação para Chicago e ela ouviu, como já ouvira nessa noite dezenas de conversas sobre variadas futilidades, inquirir:

—Está lá? E' a repartição de policia de Chicago?...

—Exacto: quem fala?

—Policia de Dixon...

—Então que há?

—Já temos a certeza de que o nosso homem envenenou a mulher...



—Qual homem?...

—O dr. Webster...

—Ah! Sim...

—Um agente que tome o primeiro comboio da manhã (o dr. Webster morava a duas horas de Chicago) e que o vá prender... Está combinado?...

—Perfeitamente.

E a conversa terminou neste ponto.

O dr. Webster era nem mais nem menos do que o pae da telefonista. Ao supreender a terrivel conversa de tudo a rapariga ficou alheada. As chamadas succediam-se e ela atónita olhava para o quadro colocado na sua frente sem prestar atenção ao que se passava. De repente teve um sobresalto. Meteu uma ficha no cacifo e perguntou:

—Chicago?

—Sim, Chicago que deseja?

—Ligue-me com... Nada não ligue... é engano...

A noção do seu dever, do seu logar, surgia-lhe como um espectro terrivel. Sim, a assassina, a madrastra, tivera para consigo todas as crueldades. Em jogo estava a liberdade, talvez a vida de seu pae, sempre tão bom para ela: Se o prevenisse do perigo que o ameaçava, na fuga encontraria a salvação. Mas para o avisar,

(Continuação na pagina 22)



MAESTRO LUIZ SILVEIRA

Ilustre Director do Orfeon Scalabitano, cuja recente exhibição no Coliseu dos Recreios alcançou o mais retumbante successo, tanto pelo seu valor como massa coral, como pelo programa executado.



NOLICEU MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Um aspecto da exposição de trabalhos escolares que, no Liceu Maria Amalia Vaz de Carvalho, tem demonstrado quão forte e intensa é a educação dada ás suas alunas.

CINEMA PORTUGUÊS:

A Companhia Cinematografica de Portugal continua trabalhando no documentário «Lisboa» e do qual damos hoje um aspecto de uma «prise de vue».



TAPETES DE BEIRIZ

Fotografia feita, pelo nosso correspondente, quando da exposição realizada na séde da fabrica onde se encontram os seus proprietarios.



ANTONIO DA COSTA

No «deck» do «Cantuarria Guimaraes», do Lloyd Brasileiro, momentos antes da partida do illustre escultor que, acompanhado de sua esposa seguiu na passada segunda-feira para o Brasil.

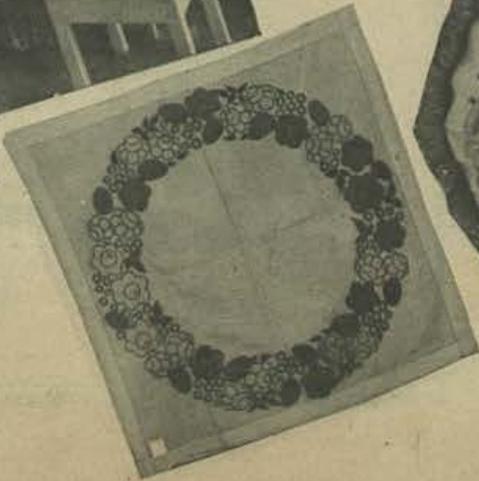
A ESCOLA DE ARTE APLICADA DE LISBOA



LAVORES FEMININOS UMA INTERESSANTE EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS NA ESCOLA DE ARTE APLICADA

DIGNOS do maior elogio são os trabalhos expostos salientando-se os das alunas Maria da Luz Nunes, Raquel Gil Silva, Elvira Romeiro, Maria Florinda Lopes, Cacilda Moutinho, Clara da Silva Teixeira e Eligenia Costa, na aula de lavores; Emilia Barbosa Viana, Adelia Nobre Gomes e Helena Brito, na de composição e geometria aplicada; Carlos Pinto Ramos, Mario Costa, João e Mario Alves, Alvaro Barroso e José Manuel Felix, na de aguarela; Maria Sales Gomes, Joaquim Pinto Faria e Alberto Pereira de Sousa, na de cinzelagem; Alfredo Campos, Tabarra e José Machado, na de talha; Francisco Palma, João Alves, José Manuel Felix e Alvaro Barroso, na de litografia e Anibal Pires na de impressão.

A Escola de Arte Aplicada de Lisboa, acanhadamente instalada na Rua D. Denis, merece todos os louvores, pela exposição que inaugurou e que é digna de ser visitada.



CHARADAS

SECÇÃO CHARADÍSTICA SOB A DIRECÇÃO DE «VISCONDE DA RELVA»

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho, Rua D. Pedro V., LISBOA.

ANO II—N.º 65 JULHO, 7
6.º TORNEIO 1 9 2 9

RESULTADOS DO N.º 60

Productoras

QUADRO DE DISTINÇÃO

ADRIANO	
N.º 1	4 Votos

N.º 8, de «Arsénio Lupin»..... 1 Voto
N.º 9, de «Capitão Boches»..... 1 »
N.º 14, de «Rei de Tebas»..... 1 »

Decifradoras

QUADRO DE HONRA

AFRICANO—ARIEDAM,	
Com 20 decifrações—Totalidade	

QUADRO DE MERITO

JOTEMIRA, 18	— LAURITA, 14	— SOBA DA TORRE, 14	— TANAĞRA, 14	— COLIBRI, 10.
--------------	---------------	---------------------	---------------	----------------

Outros decifradores

A. D. Meira, 1.

Decifrações

1 ANATEMA—2 Malhada—3 Cabe—4 Pioto, pito—5 Sobrolho, solho—6 Capacho, cacho—7 Zingamocho—8 Pianinha—9 Antomasa—10 Afectatriz—11 Cavão—12 Caratola—13 Samo—14 Temporada—15 Mata-ratos—16 Pigode—17 Amado—18 Atada—19 Meloso—20 Manquitolá.

RICUDAS—N.ºs 1, 5, 6, 15, 17 e 18, respectivamente de «Adriano», «Agá Larbac», «Visconde do Prado», «Rei-Fern», «Saturno» e «Vasco Dias», com 5 decifradores cada uma.

GENTILEZAS—Apenas «A. D. Meira» foi gentil.

CORRIGENDA

No N.º 63, além de várias outras de aomenos importância, encontram-se as seguintes gralhas:

Agricultor em vez de Agricultar, na produção 4, Vinha em vez de vinhaça, na charada 9.

Do n.º 64.

A segunda parciál da charada 4, é «semelhante». A primeira parciál da produção 7, é guarda do paço.

CHARADAS EM VERSO

1 A «mulher» que nos deixou, —5
Só nossa jámais será;
O nó que ela desatou
Nunca mais ninguém dará.

Chorar desditas d'amor
Já ninguém deve fazer,
Porque elas são uma dor
Que cura não pode ter.—1

Se a «mulher» que namoravas
Sua honra te entregou,
Não deves abandoná-la,
Porque sem nada ficou.

Lisboa ARTINITY

(Aos votantes da minha charada do n.º 36)

2 Já disse e repito agora,
Que não quero mais trovares,
Porque isso, a mim, acurreta
Um dos maiores dissabores.

E porque é certo, ninguém anotas—1
Confrades, sou verdadeiro:
Entre nós, não devo ser,—1
Charadista de estaleiro.

Ceim AGÁ LARBAC

LOGOGRIFO

(Como «Elas» são...)

3 Sem bem saber porquê, puseste, um dia,
As nossas relações ponto final;
Supondo tu, que me fizesses mal
Tái golpe... que de penas morreria.

Qual «divindade», tu chegaste a crer,—2-5-1-2-5-2
Seres p'ra mim, ó rei de Eleusis, forte,—1-7-8-7-2
A quem eu amaria até à morte,
E mesmo até depois, podendo ser?!...

De tudo quanto sempre te lurei,
«Escrava» que seria, supuseste 7-8-5-1-10-6-10
Oh! não, eu faço como tu fizeste,
Do olvido a «pedra» em tudo coloquei,—8-10-5-1-9-8

Que foste a minha esperança, o meu Deus,
A quem, numa continua «oração»,—5-2-6-9-5-10
Pedia a hora da nossa união,
Como pedia sempre os beijos teus?!...

Tudo mentira, tudo fingimento...
Representei o meu papel, mais nada,
Que é o papel de toda a namorada,
E é do namoro, a risca, o cumprimento.

Lisboa MELRO

CHARADA AUXILIAR

4 —to—Aviso
—to—Limpo
—to—Matrimónio
—to—Confirmado
Mulher desprezível

Lisboa AFRICANO (A. C. P. B.)

CHARADA EM LOSANGO

5

*	*	*	*	*
*	*	*	*	*
*	*	*	*	*
*	*	*	*	*
*	*	*	*	*
*	*	*	*	*
*	*	*	*	*
*	*	*	*	*

Consoante
Abismo
Apetecer
Jactância
«Espécie de palmeira»
Foz
Vogal

S. J. da Barra SOBA DA TORRE (A. C. P. B.)

Miscelanea Feminina

(Continuação da pag. 19)

para que ele fugisse, teria de se aproveitar de um segredo que as circunstâncias lhe forneciam e que a natureza da sua profissão obrigava a calar. Trair esse segredo seria infamar-se. Não, o destino tão cruel, como em antigos tempos a madrasta fóra, puzera-a à prova e da prova iria sair triunfante, embora com o coração sempre despedaçado...

O medico foi preso na manhã seguinte e a filha...

A filha nunca mais quiz fazer ligações telefónicas. Nessa mesma manhã, apresentou a demissão, abandonando logo o seu logar.

SAUL TOPASBA

CHARADAS NOVÍSSIMAS

6 Pode um «monte de sal» produzir uma esteirinha? —2-1.

Lisboa A. D. MEIRA (A. C. P. B.)

7 Não ter absolvição foi uma tristeza para o amarelucado.—2-1.

Matozinhos ARSENIO LUPIN

8 Juntar porco com «aves»? Isso sim!! 1-2.

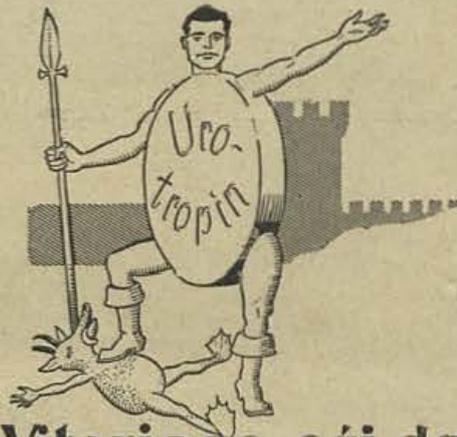
Macinhata do Vouga FILIPA (N. E. V.)

9 A força de vontade é tão tênue que até com o desejo desaparece.—2-1.

Macinhata do Vouga MARIO & SILVA (N. E. V.)

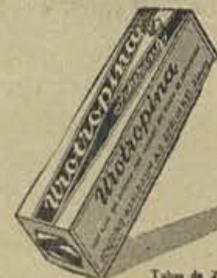
10 O grão de oiro está no lado do mocho de lenha.—2-1.

Pôrto MISTER MISTERIO



Vitorioso sai da luta

quem a tenha travado com meios valiosos. O seu organismo encontra-se em combate perpétuo com um sem número de inimigos: tóxicos e bacterias. Ajude-o, não com pomadas e drogas ineficazes, mas sim com um medicamento comprovado. Desinfecte o seu organismo — rins, bexiga e fígado — e previnase contra as graves complicações que as doenças destes órgãos trazem consigo, tomando os



Tubo de 20 compr.

Comprimidos Schering de UROTROPINA

INSULINA A. B.

FABRICADA PELO

The-British-Drug-Houses-Ltd.

London

REPRESENTANTE PARA PORTUGAL E COLONIAS

T. RODNEY HATHERLY

R. DA CONCEIÇÃO 35-2.º

TELEF. 2945 C.

LISBOA

Lave, ondule e corte o seu cabelo na

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

TELEFONE NORTE 3641

Comprimidos de
Aspirina



os reputados calmantes das dores nos resfriamentos.

H O P

SABONETES—DENTIFRICOS—PERFUMARIAS

OS MELHORES PRODUTOS PORTUGUESES

A VENDA EM TODA A PARTE

FABRICA EM LISBOA:

RUA DO ARCO, 28 (A ALCANTARA)

TELEF. I. 4899

c i n e

grande revista mensal
abordando todos os assuntos de CINEMATOGRAFIA

à venda em toda a parte.

ROLLFILMS

FILMPACKS



MAQUINAS FOTOGRAFICAS



A M A L I A
M O L I N A
A GRANDE ESTRELA
ESPANHOLA DA TONA-
DILLA, QUE SE EXIBE NO
S. L U I Z
E CUJOS CELEBRES DIS-
COS GRAVADOS PELA
C O L U M B I A
TANTO EXITO TEM AL-
CANÇADO ENTRE NÓS.